



DOSSIÊ: 150 ANOS DE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

“Permitam que nos apresentemos”. Programas e intenções nas primeiras edições dos jornais em língua italiana no Brasil

“Allow us to introduce ourselves”. Programs and intentions in the first editions of Italian-language newspapers in Brazil

“Permitanos presentarnos”. Programas e intenciones en las primeras ediciones de periódicos en italiano en Brasil

Angelo Trento¹

orcid.org/0000-0002-6745-3202
angelo.trento84@gmail.com

Recebido em: 19 ago. 2025.

Aprovado em: 26 ago. 2025.

Publicado em: 10 dez. 2025.

Resumo: O artigo se debruça sobre os programas que quase todos os jornais apresentavam aos leitores potenciais por ocasião da publicação de sua primeira edição indicando quais temas seriam o foco principal do periódico, normalmente aqueles pelos quais a comunidade imigrante deveria se interessar. Em geral, esses temas estavam mais relacionados à função de educar seu público, em vez de informá-lo, e diziam respeito à valorização da italianidade e ao fortalecimento de formas coletivas de vida, em termos de associações, instituições de ensino fundamental e publicações em língua italiana, que, de fato, eram extremamente numerosas. Também tocavam, mas muitas vezes de passagem, em outros temas, não faltando referências às questões internas brasileiras e, com muito mais frequência, aos problemas ligados à emigração, à vida e à defesa dos imigrantes. Não faltaram confrontos ideológicos, nesses programas, entre jornais do movimento operário e publicações burguesas, especialmente se anarquistas, mas também entre jornais católicos e anticlericais, divisões que se acentuaram nas décadas de 1920 e 1930 entre jornais fascistas e antifascistas, com outros conflitos que continuaram após a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: imigração italiana; imprensa étnica; periódicos italianos no Brasil.

Abstract: This article examines the programs that almost all newspapers presented to potential readers upon publishing their first issue, outlining the topics that would be the periodical's primary focus, typically those that would be of interest to the immigrant community. In general, these topics were more related to educating rather than informing their audiences, and concerned the valorization of Italian identity and the strengthening of collective forms of life, in terms of associations, primary education institutions, and publications in Italian, which were, in fact, extremely numerous. They also touched, but often in passing, on other topics, with references to domestic Brazilian issues and, much more frequently, to problems related to emigration and the lives and defense of immigrants. There was no shortage of ideological clashes in these programs, between labor movement newspapers and bourgeois publications, especially anarchist ones, but also between Catholic and anticlerical newspapers. These divisions intensified in the 1920s and 1930s between fascist and antifascist newspapers, with other conflicts continuing after World War II.

Keywords: Italian immigration; ethnic press; Italian periodicals in Brazil.

Resumen: Este artículo examina los programas que casi todos los periódicos presentaban a sus potenciales lectores al publicar su primer número, describiendo los temas que serían su enfoque principal, típicamente aquellos de interés para la comunidad inmigrante. En general, estos temas se relacionaban más con la educación que con la información del público, y se centraban en la valorización de la identidad italiana y el fortalecimiento de las formas de vida colectiva, en términos de asociaciones, instituciones de educación primaria y publicaciones en



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pesquisador independente.

italiano, que eran, de hecho, muy numerosas. También abordaban, aunque a menudo de pasada, otros temas, con referencias a problemas internos brasileños y, con mucha mayor frecuencia, a problemas relacionados con la emigración y la vida y la defensa de los inmigrantes. No faltaron los enfrentamientos ideológicos en estos programas, entre periódicos del movimiento obrero y publicaciones burguesas, especialmente anarquistas, pero también entre periódicos católicos y anticlericales. Estas divisiones se intensificaron en las décadas de 1920 y 1930 entre periódicos fascistas y antifascistas, y otros conflictos continuaron después de la Segunda Guerra Mundial.

Palabras clave: inmigración italiana; prensa étnica; periódicos italianos en Brasil.

O panorama da imprensa italiana no Brasil é extraordinariamente rico, ostentando, de 1854, ano em que apareceu o primeiro periódico no Rio de Janeiro, até 1975, 834 títulos – dos quais 442 consultei pessoalmente pelo menos um exemplar em bibliotecas e arquivos espalhados por Brasil, Itália, França e Holanda –, enquanto do restante tenho notícias de fontes secundárias, em particular de indicações encontradas em outros jornais que anunciavam o lançamento de uma publicação rival por ocasião de sua primeira edição. Indicações, essas, certamente abundantes no *Fanfulla*, o verdadeiro órgão não oficial da comunidade peninsular em solo brasileiro. Mais de dois terços dessas folhas (71%) apareceram entre 1880 e 1920, ou seja, nos anos de maior afluxo, e pouco mais de 70% circularam no estado de São Paulo, em perfeita harmonia com aquele que foi o destino final da emigração italiana, sendo que cerca de 70% dos imigrantes italianos foram para esse estado. Do total dos periódicos em língua italiana publicados nesse período no Brasil: 12% nasceram no Rio de Janeiro; 8%, no Rio Grande do Sul; 2%, em Minas Gerais; e o restante, nos outros estados brasileiros. O fenômeno continuou a ser vivo entre 1921 e 1941, graças, em parte, ao estímulo oferecido pelo governo fascista aos periódicos, tanto na Itália quanto no exterior, e foi drasticamente reduzido após a Segunda Guerra Mundial (Trento, 2017, 2022b, p. 186-194).

Se fôssemos periodizar a apresentação dos programas que os periódicos ilustravam no momento de seu lançamento, poderíamos, grosso modo, observar que os títulos que apareciam em um primeiro momento se contentavam com

declarações muito gerais, quando até evitavam explicitar a linha ou os caminhos que pretendiam seguir. Por outro lado, à medida que a emigração em massa continuou, foram apresentados programas mais específicos e detalhados. Para dizer a verdade, durante os últimos quinze anos do século XIX e no século seguinte não faltam exemplos de indiferença com relação à declaração de intenções e, mais de uma vez, os jornais simplesmente afirmam que elas são inerentes ao título da publicação, especialmente se as manchetes mencionam o *status* de expatriado ou a origem nacional de seus leitores, como foi o caso, apenas para citar alguns, de *L'Italia* do Rio (1885), *L'Immigrato* de Vitória (1880), *Stella d'Italia* de Porto Alegre (1902) e, pulando algumas décadas, *Il Corriere degli Italiani* de São Paulo (1931). Outros jornais se contentam argumentando que a notoriedade de seu editor no jornalismo étnico, devido às décadas de profissão e profissionalismo, torna supérflua a ilustração de suas intenções. Não faltam jornais que se refugiam no mero desejo de apresentar o país aos emigrantes que chegam, criando um ambiente familiar para eles, ilustrando suas necessidades e aspirações para a sociedade anfitriã, transformando assim o leitor em um amigo e estabelecendo uma relação de estima mútua com ele (*Gli Italiani al Brasile*, São Paulo, 5 ago. 1886; *Il Corriere Illustrato*, São Paulo, 1 jan. 1908). Frequentemente, os jornais se debruçam sobre as dificuldades e as dores morais que afligem os editores italianos no Brasil, cujo caminho é repleto de obstáculos difíceis de superar e de sacrifícios inimagináveis (*La Colonia Italiana*, Taubaté, 15 mar. 1892). Por outro lado, não faltam editores que se lançam em elogios pródigos a si mesmos e, em seguida, afirmam com arrogância que o periódico que produzem será capaz de cobrir todos os assuntos. De forma mais modesta, alguns jornais tentam defender a classe dos jornalistas – que recebem insultos e calúnias injustificados – e combater a opinião corrente de que eles são os párias da categoria. Mas quem contribui para a disseminação dessa reputação são justamente os colegas que afirmam que os periódicos de língua italiana sobrevi-

vem – e sobreviveram no passado – porque foram enfeudados a este ou àquele expoente da elite empresarial imigrante, tornando-se instrumentos de afirmação de poder. Continuando nessa linha, eles acusam seus antecessores de terem sido guiados por indivíduos que se passavam por jornalistas, mas que, na realidade, demonstravam total inaptidão para essa profissão, sendo, simplesmente, indivíduos "para os quais a fortuna foi madrastra, tornando-os incapazes de exercer uma arte, um programa decente e independente" (Il nostro programma, *L'Operaio Italiano*, Rio de Janeiro, 5 dez. 1897). Acontece, portanto, que, ao apresentar o programa, insiste-se no panorama lamentável oferecido pelo jornalismo em língua italiana no Brasil neste ou naquele estado, onde todas as publicações são caracterizadas por uma forte anemia, obrigando logicamente os periódicos a fechar em poucas semanas, ou a continuar tateando no escuro (*Plularia*, Niterói, 15 mar. 1933). Tampouco faltam aqueles que, em linguagem hipócrita e deliberadamente erudita para intrigar seus leitores, exortam os desempregados dispostos a "violiar a gramática de um aprendizado intelectual distante concluído em alguma escola na Península", ou seja, os aventureiros e editores improvisados que precisam de emprego para sobreviver, a fundar um jornal (Precedendo noi stessi, *La Rinascenza Latina*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1913). Para dizer a verdade, dentro dessa situação de inveja, nem muito reprimida, há pelo menos um editor que confessa que teve a ideia de lançar um novo jornal essencialmente por causa da necessidade de exercer uma profissão que garantisse um padrão de vida decente (*Il Romanziere*, São Paulo, 31 jul. 1904).

Os objetivos que aparecem com mais frequência nos periódicos informativos são representados pelo fortalecimento da italianidade, pela defesa do decoro do nome italiano – mas também dos imigrantes e de seus interesses –, pela ampliação da circulação da cultura e da produção literária e científica peninsular, pela exaltação da grandeza da pátria, pela ilustração de suas glórias e de seu progresso. O desejo de promover um sentimento de pertencimento muitas vezes im-

plica deixar explícito que o jornal colocado no mercado permanecerá livre de qualquer tipo de sectarismo, seja ele político, religioso ou de qualquer outra natureza.

O patriotismo, no entanto, é mais apreciado quando se livra da aparência da individualidade para assumir um caráter coletivo: "Cem mil compatriotas e uma ideia, uma aspiração" (L'ideale della Stella d'Italia, *Stella d'Italia*, Porto Alegre, 30 mar. 1902). Mas também a luta é para garantir que esse tipo de exaltação não ultrapasse um certo limite: "Italianos de nascimento e de coração, não faremos patriotismo barato, que custa tão pouco e rebaixa tanto" (Intendiamoci, *L'Unione*, Campinas, 1 ago. 1894). De qualquer forma, os excessos de apego à pátria, aqueles que resultam em um nacionalismo exacerbado e segregacionista, são denunciados por qualquer grupo étnico do qual provenham: "Combateremos com vigor e sem trégua essa degeneração do sentimento patriótico conhecido aqui pelo nome de jacobinismo, tanto mais que brasileiros e italianos sofrem dessa doença indiscriminadamente", tornando impossível a concórdia recíproca (Il nostro programma, *L'Eco del Popolo*, Belo Horizonte, 8 maio 1905). Há, no entanto, circunstâncias que acentuam a propagação de sentimentos de apego à pátria, como foi o caso, precisamente, durante a guerra pela conquista da Líbia, quando a bandeira tricolor era hasteada "na Tripolitânia, na Cirenaica e no Egeu": em um momento em que, segundo o jornal em questão, as Forças Armadas italianas surpreendiam o mundo com sua preparação e seu heroísmo, era necessário publicar uma revista semanal que mantivesse os compatriotas informados sobre a abnegação dos soldados e as vitórias que haviam conquistado (Il nostro programma, *L'Alpino*, Florianópolis, 18 ago. 1902).

O nacionalismo passa por um compreensível recrudescimento não apenas na imprensa étnica, mas também na comunidade imigrante – em uma clara relação de causa e efeito – durante a Primeira Guerra Mundial, quando a conjuntura de guerra afeta os programas dos 54 periódicos em italiano publicados entre 1915 e 1918, pois parece apropriado insistir nesses temas e, ao mesmo

tempo, exortar os leitores a apoiar as estruturas que surgiram com a eclosão do conflito, como o "Comitato Pro Patria" e o "Comitato Pro Croce Rossa", com todas as suas numerosas seções – incluindo as femininas – para ajudar as famílias pobres daqueles que partiram para a frente de batalha e para coletar ou comprar roupas e cobertores de lã, cigarros, café, sapatos, chocolate e outros itens de conforto para os soldados na frente (Trento, 2022b, p. 137-180). Ao contrário de outros países americanos com forte presença peninsular, no Brasil há poucos exemplos de jornais que valorizam os regionalismos ou que usam o dialeto; na verdade, eles não excedem as poucas unidades, como afirma um deles, para refutar os estereótipos existentes sobre uma determinada área geográfica da pátria, pretendendo, em vez disso, propagá-la, mas evitando praticar um regionalismo polêmico improdutivo, o que teria sido absurdo especialmente no exterior, onde era necessário fortalecer a concórdia entre os compatriotas (*Il Meridionale*, São Paulo, 25 abr. 1908). A situação é um pouco diferente no Rio Grande do Sul, onde o uso do dialeto e, possivelmente, do Talian parece ser um elemento de valorização das raízes dos habitantes de uma única área colonial, também justificado pela monorregionalidade dessas áreas, como fica evidente na publicação de *Nanetto Pipetta* pela *Staffetta Riograndense* (Valduga, 2008).

A exaltação da italianidade e o papel de defensores assumidos em relação aos imigrantes se traduzem em incitações decisivas para a ampliação das formas coletivas de vida, na convicção de que o apoio a elas favoreça a proteção dos indivíduos, pois união é força, atraindo assim o respeito da opinião pública brasileira. O foco está, sobretudo, nas associações e na necessidade de fortalecer os vínculos existentes entre aquelas já presentes em seu próprio estado ou cidade. Tais intenções também aparecem em jornais ligados aos círculos operários, que se colocam como defensores do mútuo socorro e da solidariedade beneficente, desde que de orientação popular (*L'Imparziale*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1882; *Il Circolista*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1897).

As escolas são mencionadas com menos frequência, mas há repetidas reclamações sobre a falta de rigor na manutenção do idioma italiano; e os pedidos para a criação de bibliotecas e a circulação de livros publicados na península se multiplicam.

Um dos pontos mais importantes é a defesa dos compatriotas, que também passa pela exaltação de sua laboriosidade e pela moderação de seus desejos. Como resultado, não é incomum que os editores se irriem com o fato de que, às vezes, eles são relegados a realizar trabalhos braçais que prejudicam sua imagem. A proteção aos italianos encontrou sua maior expressão na extensa campanha de imprensa registrada por ocasião do julgamento de Angelo Longaretti, o colono de uma fazenda de café de propriedade do irmão do então presidente da república Campos Salles. Longaretti assassinou o fazendeiro, por ter atentado contra a honra de suas três irmãs e por ter agredido o pai deles. A mobilização foi realizada por vários periódicos na época do primeiro julgamento e da apelação, envolvendo folhas burguesas e classistas, como *L'Asino*, que, como as outras, lutou tenazmente em favor de seu compatriota desde o início de suas publicações, para arrecadar fundos e pagar-lhe um bom advogado de defesa e a fim de se opor a certa imprensa brasileira que exigia sentenças exemplares dos juizes (*L'Asino*, São Paulo, 4 jul. 1901).

Os periódicos que difundem e solicitam a italianidade e o patriotismo foram impulsionados pelos números avulsos, categoria bastante difundida (64 foram publicados em todo o Brasil entre 1875 e 1940), particularmente os comemorativos do 20 de setembro, dia em que as tropas italianas entraram em Roma em 1870, derrubando o governo do Vaticano. São 26 números dedicados a essa comemoração – mais dois que saíram com outro título, mas ainda nessa data –, dos quais uma parte considerável pertence à imprensa classista, mas com clara predominância do discurso anarquista. Não são raros os números avulsos inspirados no secularismo e no anticlericalismo, ou mesmo na Maçonaria,

que não exaltam os valores nacionalistas, mas estão interessados principalmente em destacar a queda definitiva do poder temporal do papado e atacar os defensores do despotismo, abrindo os olhos daqueles que haviam sido enganados pela superstição e pela hipocrisia (*Il 20 Settembre*, Ribeirão Preto, 20 set. 1890).

Mas o despotismo é o foco principal dos libertários, para os quais o aniversário serve para denunciar o fato de que a bandeira do Estado Papal foi substituída pela bandeira tricolor e que as décadas desde a conquista de Roma foram períodos de crimes, infâmias e prevaricação. Essas publicações frequentemente glorificam Polinice Mattei (mais tarde lembrado como a primeira vítima da questão social no Brasil), que morreu em 20 de setembro de 1898 durante confrontos entre nacionalistas e antagonistas. Para conscientizar também o povo brasileiro de seu repúdio à comemoração dessa data, os anarquistas de São Paulo chegaram a publicar uma edição em português, intitulada Vinte de Setembro, para denunciar o conservadorismo que caracterizou a unificação da Itália. Os próprios socialistas, pelo menos uma vez, comentaram o aniversário, especificando que ele era exaltado por aqueles com poder e riqueza, por aqueles que "sentem com os lombos e pensam com a barriga" e profetizam que, embora o 20 de Setembro fosse uma traição, no final "o 20 de setembro do povo chegará" (*XX Settembre, XX Settembre*, São Paulo, 20 set. 1898).

Outro tema frequentemente abordado nas propostas das primeiras edições é a visão do Brasil, as relações entre os dois países e entre os italianos e a sociedade local. Com relação ao primeiro desses pontos, é recorrente a exaltação da nação que acolhe tantos compatriotas, sua descrição como uma "terra abençoada", rica, vasta e pouco povoada, que, justamente por isso, oferece a todos os imigrantes enormes possibilidades. Essa exaltação pode, no entanto, às vezes esconder objetivos não totalmente admiráveis, ou mesmo fraudulentos, como no caso de um semanário que surgiu para promover o Pará (quase certamente com o apoio, talvez até

financeiro, daquele estado) e ilustrar de forma enganosa as oportunidades que ele oferecia no campo da colonização agrícola, sendo que o editor estava pessoalmente envolvido, propagando seus sucessos presentes e futuros (*L'Eco del Pará*, Belém, 29 maio 1898), que logo seriam desmentidos por alguns resultados catastróficos forçando os italianos pobres envolvidos a voltar para casa ou se dispersar para outros estados do Brasil.

Muito mais ancorado na realidade está o desejo expresso pelos programas de fortalecer a comunhão de interesses entre os imigrantes peninsulares e os nativos, uma irmandade baseada nas mesmas condições vivenciadas, especialmente pelas classes mais baixas, no local de trabalho, nos momentos de lazer e nas soluções habitacionais. Muitas vezes está presente a preocupação de fortalecer as relações entre a Itália e o Brasil, talvez até em termos de aumento do comércio. Um dos primeiros periódicos a surgir no Rio tem como objetivo "contribuir para o desenvolvimento das instituições que regem as fortunas da Itália e do Brasil, consolidando as relações de amizade de dois grandes países" (*Ai lettori, La Gazzetta Italiana del Brasile*, Rio de Janeiro, 1 set. 1875). Tais intenções foram explicitadas em vários jornais, que, mesmo não se manifestando no programa, deixavam isso evidente no título, como, só para dar exemplos de anos diferentes: *Il Progresso Italo-Brasiliano*, de São Paulo, de 1890; *La Patria Italo-Brasiliana*, de Pelotas, de 1912; a *Rivista Italia-Brasile*, do Rio, de 1919; *I Due Vessili*, de Cachoeira do Itapemirim, de 1926; *L'Unione*, de São Paulo, de 1935. Outros periódicos estendem, sempre no título, tais vínculos a todo o subcontinente (*L'Italia e l'America Latina*, revista mensal do Rio, de 1921) ou ao mundo latino como um todo (*La Rinascenza Latina*, revista semanal trilingue, também do Rio, de 1913).

Em alguns programas, ao lado das propostas, pode aparecer um pedido de apoio financeiro do público, embora, normalmente, esses apelos sejam feitos por cartazes inseridos nas páginas do jornal, de preferência na primeira. Essa prática é extremamente difundida nos jornais anarquistas,

tanto pela frequência das listas de contribuições voluntárias – em detrimento, talvez, do consumo de algumas garrafas de cerveja – quanto pelo pedido de oblações ocasionais. Essa condição de necessidade é então destacada pelo apelo dirigido aos leitores para que ajudem as diferentes publicações periódicas, enviando notícias e artigos, bem como auxiliando em sua distribuição (Agli Schiavi Bianchi, *Gli Schiavi Bianchi*, São Paulo, 13 maio 1892).

Como não poderia deixar de ser, nos editoriais das primeiras edições, é dada grande importância ao desejo de dar a máxima atenção às questões relativas à emigração. Ocorre com frequência que seja enfatizada a função de proteção e defesa dos imigrantes e de seus interesses, partindo, muitas vezes, da consideração de que eles nem sempre gozam da consideração, do respeito e da estima a que teriam direito, considerando os benefícios que trouxeram ao Brasil. Sob essa ótica, torna-se ainda mais um dever denunciar os abusos e assédios a que são submetidos. Apesar dessa perseverança na proteção dos que chegam e dos que já chegaram, a imprensa é geralmente favorável à continuação dos fluxos e até mesmo ao seu aumento, mesmo que haja quem expresse preocupação de que o decreto Prinetti (promulgado pelo governo de Roma em 1902 para acabar com a emigração subsidiada do Brasil, provocando assim uma diminuição significativa nas chegadas) possa ser revogado no futuro após a estipulação de acordos comerciais favoráveis à Itália.

Apesar disso, há periódicos que continuam a ser favoráveis à entrada de mais italianos, mesmo quando são publicados em estados nos quais o principal destino são as fazendas de café, cujas dramáticas condições de vida e de trabalho induzirão a Itália a emitir o decreto Prinetti. Para os que, por outro lado, tais preocupações estão sempre presentes, a solução é favorecer a emigração espontânea, visando à aquisição, em tempo mais ou menos curto, da propriedade da terra, fator que permitirá o crescimento econômico e social a que o Brasil tem direito. Não é por acaso que a solução dos núcleos coloniais

disseminados no sul do Brasil é frequentemente exaltada, especialmente nos jornais publicados naquelas regiões. Apenas uma categoria também é fortemente desencorajada nos programas, a daqueles que, "não tendo qualificação, nem podendo adaptar-se ao trabalho manual", insistem em aparecer "para encher as fileiras dos desajustados e dos que atulham as ruas, os cafés, as vendas de bebidas" (I nostri propositi, *Il Colono Italiano*, São Paulo, 10 abr. 1902).

Há muito espaço, especialmente no sul, para engrandecer as conquistas dos italianos que se estabeleceram nas colônias agrícolas, mesmo que não falem críticas e denúncias dos problemas que permanecem sem solução. Os programas elogiam continuamente os colonos que tornaram férteis as terras que lhes foram designadas, quer tenham obtido reconhecimento por seus esforços, quer tenham sido negados e, nesse último caso, há aqueles que atribuem a responsabilidade não apenas ao governo, mas também aos próprios trabalhadores, que não tiveram a coragem de fazer com que suas vozes fossem ouvidas, uma tarefa que o jornal atribuiu a si mesmo (Cominciando, *La Nuova Urussanga*, Urussanga, 30 set. 1917). Esses periódicos também se propuseram a se tornar porta-vozes dos problemas dos colonos, de suas necessidades e aspirações, além de ilustrar suas condições de vida (Incominciando, *La Patria*, Urussanga, 26 maio 1901; Quattro parole di presentazione, *Il Colono*, Urussanga, 21 out. 1904).

Igualmente comum nas folhas que saem nessas áreas é a intenção de publicar artigos que sejam úteis para quem trabalha no campo, para quem cria os bichos-da-seda, para quem cuida dos vinhedos, para quem precisa se livrar dos "ratos do campo" (*La Colonia*, Urussanga, 15 jan. 1909). Mas se reconhece a futilidade de todos esses esforços se a agricultura, que fez grandes progressos naquelas terras, não puder competir com muitos dos produtos baratos que vêm de áreas mais avançadas. Os conselhos sobre o gerenciamento da terra ainda estão presentes na década de 1930, em um semanário católico que respeita o seu dever (Programma, *Il Giornale*

dell'Agricoltore, Caxias do Sul, 24 fev. 1934) de se inspirar na nova Itália fascista. Há também, aqui e ali, o desejo de disseminar o cooperativismo. A simbiose dos jornais com seu público e com as realidades em que estão imersos é evidente no desejo de marchar junto com ele, clamando por uma diversificação mais ampla da produção e incentivando não só a agricultura, mas também o comércio e a indústria, por meio do aumento da laboriosidade e da produtividade, mas sem deixar de apoiar – a referência é obrigatória – o intendente municipal (Il nostro programma, *Città di Caxias*, Caxias do Sul, 1 jul. 1897).

Muito mais dramático é o quadro que emerge nos programas publicados nas áreas cafeeiras, especialmente nos periódicos publicados no estado de São Paulo, que estão mais próximos dessas realidades. Desde o início da emigração em massa, surgiram jornais com o objetivo de denunciar as condições delituosas de vida e de trabalho dos colonos nas fazendas, seu isolamento, quando não sua prisão, a ausência ou a precariedade de escolas, assistência religiosa, médicos, o sistema de multas como regra geral, o endividamento nas vendas internas, a violência física, o cerco sexual às moças das famílias de imigrantes (*La Libertà*, Rio Claro, 25 out. 1891). Nessas localidades, até mesmo o dever sagrado de difundir o amor à pátria e à cultura italiana é sacrificado em favor da defesa dos colonos, as vítimas designadas da intimidação e dos abusos dos fazendeiros, que se comportam como senhores feudais (Preludiando, *Il Messaggiere Italiano*, São Carlos do Pinhal, 20 set. 1897). Ainda mais apocalípticos são os tons da publicidade de esquerda, que enfatiza que os colonos são "os infelizes servos dos servos, os párias do novo mundo, massacrados pelos patrões e ensanguentados pelos capangas" (L'inquisizione in Brasile, *La Battaglia*, São Paulo, 26 jun. 1904). Nem todos denunciam o sofrimento e o abuso do mundo das fazendas, e algumas folhas se propõem a percorrer as fazendas (como se fosse uma tarefa fácil!) e reunir os humores e as aspirações dos que trabalham lá (Ai lettori, *L'Italia*, São Carlos do Pinhal, 11/12 jul. 1891).

Ao lado das publicações cuja missão é denunciar as violências e favorecer a proteção, há também outras com objetivos diametralmente opostos, geralmente católicas. A primeira publicação que minimiza o drama da vida dos colonos data de meados da década de 1880 e, embora não negue a existência de fazendeiros egoístas e inescrupulosos, afirma que, "felizmente e para honra da humanidade, são muito poucos e são uma minoria tão pequena que constituem uma exceção à regra geral" (Agli immigranti, *L'Immigrato*, São Paulo, 7 jan. 1886). Na mesma linha, outro jornal, católico, se compromete a visitar, por meio de pessoas residentes há mais de quinze anos no estado, mais de mil fazendas e a elaborar uma lista dos maus proprietários, mas também da "grande massa de pessoas boas e humanitárias", que teriam encontrado no semanário um defensor determinado. E as notícias em questão teriam chegado à Itália, tanto porque cada assinante teria recebido dois exemplares, um dos quais teria sido enviado pela equipe editorial a parentes e conhecidos que haviam permanecido em sua terra natal, quanto porque o periódico teria estabelecido um movimento regular de pessoas de confiança para distribuir exemplares nos portos de embarque (I nostri propositi, *Il Colono Italiano al Brasile*, São Paulo, 10 abr. 1902). Coetânea a essa revista agora citada, é um periódico mensal, órgão do Secretariado Católico dos colonos italianos, que – não em seu programa, mas em um artigo que poderia expor seus propósitos – produz longas listas de proprietários que são justos e pontuais em seus pagamentos, para certificar que eles representam 90% da categoria. Demonstrando amplamente sua própria má-fé, ele conclui dizendo que "[...] os fazendeiros, em sua grande maioria, amam seus colonos. E como eu poderia dizer o contrário quando eles, exatamente eles, com suas gentilezas contribuíram e continuam contribuindo para sustentar esta Secretaria?" (Gratisimo, *L'Amico del Lavoratore*, São Paulo, 25 out. 1902). Outro periódico mensal bilingue, cerca de dez anos depois, dedica até mesmo um artigo em português para aconselhar os

proprietários de terras a oferecerem, nas páginas da publicação, uma imagem fortemente positiva de seus trabalhadores, recomendando que forneçam fotografias de italianos a seu serviço em atitudes descontraídas, sempre sorridentes, enquanto jantam, trabalham ou assistem à missa, para demonstrar que, se a fazenda não é um lugar de mero descanso, também não representa um trabalho árduo (Pela lavoura, *L'Agricoltura Paulista*, São Paulo, 2 out. 1913).

As intenções mais comuns na imprensa informativa são, por outro lado, indetectáveis ou quase, em muitos dos jornais especializados, que se dirigem a usuários pertencentes a categorias específicas, como boletins de associações, periódicos que anunciam estabelecimentos comerciais, aqueles reservados exclusivamente ao público feminino e infantil, ou órgãos de categorias profissionais, mesmo que, em alguns deles, haja pelo menos uma preocupação com a difusão da língua italiana. O exemplo que mais se aproxima desse modelo é o dos professores das escolas primárias que, em São Paulo, têm seu próprio jornal, porta-voz dos professores com qualificações válidas para o exercício da profissão e que, ao mesmo em que atacam o governo de Roma por sua indiferença em relação às escolas italianas no Brasil e por abandonar os professores à própria sorte, "que precisam viver dos poucos centavos (e nem sempre) pagos pelos alunos", propõem-se a usar o periódico para difundir o conhecimento do idioma de seu país (Programma, *L'Eco*, São Paulo, 19 mar. 1908).

Vice-versa, as intenções que animavam as folhas de notícias foram retomadas, ainda que parcialmente, por revistas de caráter cultural, que visavam reforçar o sentimento de pertencimento por meio da difusão da cultura italiana (e, subordinadamente, da cultura brasileira entre os imigrantes peninsulares). Desse último tipo é, aliás, o primeiro periódico a ser publicado do outro lado do Atlântico, que se apresenta ao público com o objetivo de dar a conhecer aos compatriotas e nativos os encantos da literatura do Bel Paese, até então negligenciada, reclamando que a língua italiana não é leva-

da em devida consideração pelos brasileiros e que, se há algum traço dela, é apenas devido à apreciação da ópera lírica (Ai miei lettori, *L'Iride Italiana*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1854). Esse desejo de oferecer contribuições literárias (e artísticas) que pudessem contribuir para o restabelecimento dos laços entre as duas nações e os dois povos caracterizou a orientação de quase todas as publicações culturais que circulariam mais tarde e que pretendiam ampliar os horizontes de seus leitores, mantendo-os ancorados à pátria, por meio da publicação de novelas, contos, esboços, poemas, peças teatrais e folhetins (estes últimos, também oferecidos por quase todos os outros órgãos de imprensa, informativos ou não, exceto por muitos dos anarquistas).

Mesmo as revistas de natureza econômica às vezes relacionavam o amor à pátria com um incitamento aos leitores para que trabalhassem para abrir novos mercados para o país, "especialmente aqui, onde a população italiana, com seu número e trabalho [...] deu um impulso de vida a uma região grande, mas inerte e negligenciada" (Costituzione - Iniziative - Speranze, *Bollettino Mensile del Centro Industriale e Commerciale Italiano dello Stato di S. Paolo*, São Paulo, 1 maio 1893). Por outro lado, os programas dos jornais humorísticos eram diferentes, todos com o objetivo de entreter seu público, tentando distraí-lo depois de ter trabalhado a semana inteira (Un programma, ossia la prima predica, *Monsignor Perrelli*, São Paulo, 4/5 jul. 1908; Il primo ronzo, *Il Moscone*, São Paulo, 18 abr. 1925). O próprio *Fanfulla*, destinado a se tornar o jornal de maior circulação, mais completo, mais ouvido e mais mobilizador (Trento, 1988), nasceu como um semanário humorístico (Belli, 1923), tanto que, na segunda edição, depois de se desculpar pelo fracasso total da primeira em termos de gramática e conteúdo, ele afirma que sua intenção é ser "simplesmente um bom filho [...] quer ser feliz com boas companhias e pegar alegremente no pé os que merecem" (Il primo numero del *Fanfulla*, *Fanfulla*, São Paulo, 2 jul. 1893).

Menos ricos em intenções são também os programas dos jornais burgueses quando entram

no campo minado das declarações políticas. De fato, a posição mais frequente (e menos esperada) é declarar-se absolutamente independente (e em alguns jornais isso aparece diretamente no título: *L'Indipendente*, *L'Imparziale* e assim por diante) de qualquer partido, já que não aderir a esse princípio alimentaria as divisões dentro da comunidade. Normalmente, entretanto, os periódicos simplesmente se abstêm de comentar sobre as diferentes posições no país, contentando-se em defender a política nacional independentemente de quem esteja no governo (Per intenderci, *Il Bersagliere*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1891): "Saremo un esercito senza bandiera e senza generale" (Al benevolo lettore, *Il Martello*, Belo Horizonte, 27 jul. 1902). Essa atitude de cautela muitas vezes se estende aos eventos brasileiros, em relação aos quais eles mantêm uma extrema reserva: "Em relação aos nossos gentis anfitriões, saberemos ser, como somos, pessoas que sabem ficar na casa de outras pessoas. Não entraremos em questões políticas porque entendemos que não temos o direito de fazê-lo" (Araldo Italiano, *Araldo Italiano*, Belo Horizonte, 22 jul. 1923). É claro que há exceções, e as primeiras estão relacionadas aos vínculos que alguns jornais estabelecem com as forças no poder, atitude explicitada pelo jornal capixaba de língua italiana com o *slogan* "Para nós, no Brasil, só existe um grande partido, o Republicano" (Ai lettori, *L'Immigrato*, Vitória, 11 nov. 1895), situação mais frequente e com maior impacto no Rio Grande do Sul. Outra exceção está relacionada à defesa dos interesses e das lutas da colônia peninsular, aproveitando a possibilidade oferecida aos estrangeiros de participar das consultas locais como eleitores ativos e passivos. Nesse caso, pode-se insistir para que aqueles que têm esse direito votem nos dois candidatos italianos nas eleições para o Congresso do estado de São Paulo (*La Verità*, São Carlos do Pinhal, 28 abr. 1891). Outros programas ainda deixam de lado o envolvimento dos compatriotas na expressão de seu voto, mas vão ao cerne da questão e, embora afirmem que têm grande apreço pelo Brasil, não admitem que "o fato de sermos estrangeiros nos obrigue a sermos eunucos do pensamento" e a

não expressar opiniões e críticas sobre o que acontece no país, tendo como única obrigação respeitar suas leis e não se envolver em política partidária ativa e direta (I nostri propositi, *L'Italia*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1892).

Bem diferente é o panorama daquelas publicações que não apenas declaram sua fé política desde o primeiro número, mas fazem dela sua razão de existir. Isto diz respeito sobretudo, pelo menos até a ascensão do fascismo, aos jornais voltados para as classes populares, em particular o proletariado urbano e rural, quase todos publicados no estado de São Paulo, principalmente em sua capital. E o faziam com orgulho, sem camuflagem, como é o caso do *Avanti!*, o mais incisivo e longevo dos periódicos socialistas (1900-1919, embora com duas longas interrupções), que surgiu como semanário, mas por seis anos tornou-se diário. Desde o início, afirmava ter tomado o nome de seu glorioso irmão italiano – órgão do partido socialista em sua terra natal – para seguir seus passos e seu exemplo. Nessa linha ideológica, os programas das chapas em questão estão centrados no desejo de sacudir as consciências, de se opor à exploração capitalista, de se empenhar para obter reformas sociais que beneficiem as classes trabalhadoras, de lutar pelo estabelecimento de câmaras de trabalho, cooperativas de moradia para os trabalhadores, pela proteção dos salários, pela redução das horas de trabalho, pela abertura de estruturas sanitárias gratuitas para os trabalhadores, pela expansão da educação, incluindo a educação profissionalizante, ou seja, por todas as medidas que possam beneficiar as classes trabalhadoras, talvez até mesmo na ordem social vigente (Biondi, 2011).

Os periódicos anarquistas, embora compartilhassem algumas batalhas com os socialistas e sindicalistas (as condições de trabalho nas fábricas dos centros urbanos e nas fazendas e no campo), opunham-se tenazmente – e virulentamente – ao gradualismo dos marxistas (Felici, 1994, 2021; Biondi, 1995, 2022; Trento, 2001). Mesmo os jornais que interromperam as publicações e as retomaram apenas alguns meses depois, ao

reafirmarem seu programa, sentiram a necessidade de incluir entre os vários pontos que suas colunas estavam abertas apenas àqueles que "reconhecem ineficaz qualquer entendimento legal de resistência ao *mal* ou de iniciação ao *melhor*" (La nostra tendenza, *Germinal*, São Paulo, 1 jan. 1904), em clara polêmica com as outras duas correntes do movimento operário. A imprensa libertária só pode pregar a ação direta como a única forma de varrer a sociedade burguesa (Toledo, 2004), resultado que deve ser alcançado por meio de uma rebelião constante e enérgica que, no entanto, não será alcançada sem o desencadeamento do ódio contra os expoentes do poder econômico e político, que essas publicações pretendem alimentar (Né vinti né domi, *La Propaganda Libertaria*, São Paulo, 12 jul. 1913). Poucos são, entretanto, aqueles que exaltam o regicídio, justificando a violência como necessária, porque ela responde "à intimidação dos patrões, à violência de governos bárbaros e desumanos com armas iguais" (29 Luglio, *La Rivolta*, São Paulo, 29 jul. 1903).

Na imprensa de esquerda como um todo, o senso de pertencimento comum à Itália não é abandonado – embora diluído pelo internacionalismo –, mas a italianidade é ligada a valores diferentes daqueles alardeados pelos jornais burgueses (Biondi, 2011). O mais sofisticado veículo sindicalista em língua italiana surgido no Brasil, *La Scure* (o machado), dirigido por Alceste de Ambris (Toledo, 2022), reconhece em seu programa que, até que se alcance a desejada fusão entre imigrantes e nativos, é plausível que a origem, a cultura e a experiência comuns dos primeiros os induzam a cultivar um vínculo especial, sem cair nas formas chauvinistas alimentadas pelos gráudos da colônia (Per intendersi, *La Scure*, São Paulo, 2 abr. 1910). Essa diferença de intenções em relação aos periódicos burgueses leva à constatação de que não há razão para tratar prioritariamente, só pelo fato de ser italiano, do que acontece na colônia peninsular, mesmo que o primeiro periódico em língua italiana de marca socialista publicado em São Paulo sinalize que os membros da redação, embora estando ainda

ligados por sentimento, instinto e educação "ao partido socialista em casa", devem se lembrar "aqui no exterior, antes de tudo, de ser italianos" (Programma, *Il Messaggero*, São Paulo, 25 maio 1891).

No que diz respeito aos acontecimentos e à política brasileira, os primeiros números da imprensa socialista dedicam a eles um mínimo de atenção, enquanto é raro que isso aconteça no lado anarquista, em que, se acontece, é com base em esquemas interpretativos simplistas e estereotipados. Exceto no caso do *La Scure*, que é muito mais atenta ao que está acontecendo no mundo político, o interesse pela sociedade anfitriã nas cabeças sindicalistas só aparece em relação às questões dos trabalhadores, enquanto há desinteresse pela eleição de novos presidentes ou novos governadores dos estados em que esses órgãos de imprensa são publicados, como acontece – e ainda mais – no caso dos anarquistas. Comum a todos os lados é a tendência a desencorajar a emigração, não apenas italiana, para o Brasil, e nas colunas dos jornais – particularmente em *La Battaglia* – multiplicam-se os apelos para que publicações da mesma fé em todo o mundo façam apelos para dissuadir aqueles que fariam tal escolha (Biondi, 2022, p. 226-227). Outra característica comum é a tendência dos programas de mencionar que o jornal é publicado graças aos esforços de companheiros que roubam algumas horas de sono e todo o seu tempo livre (Ai compagni e agli amici, *L'Avvenire*, São Paulo, 18 nov. 1891; Chi siamo? *L'Operaio*, São Paulo, 2 fev. 1896).

Nos primeiros números, podem aparecer queixas sobre a efemeridade dessa imprensa, e essa crise está ligada ao fato de que a propaganda libertária como um todo está paralisada, o que se reflete na inação até mesmo daqueles que, no passado, haviam se engajado com afinco nas lutas (L'anarchia è in noi? *L'Azione Anarchica*, São Paulo, 19 nov. 1905). Mesmo em periódicos operários dedicados a determinados setores produtivos, o editorial do primeiro número lamenta a falta de consciência do proletariado paulista e se propõe a exercer um trabalho de educação moral, talvez

dirigindo-se, a princípio, apenas aos carpinteiros (Incominciando, *Il Falegname*, São Paulo, 1 jun. 1905). Alguns, entretanto, encontram justificativas para essa apatia, atribuindo-a ao próprio clima "desta terra ardente" (*Alea jacta est, Il Risveglio*, São Paulo, 9 jan. 1898).

Outra preocupação da imprensa proletária é manter as diatribes internas da ideologia à qual o jornal pertence fora da porta, pois elas podem muito bem ser discutidas em reuniões privadas. Por outro lado, alguns dizem que querem abrir suas colunas a todos os proletários, desde que tratem apenas de questões da classe trabalhadora, cada um expondo sua própria visão. Há até mesmo algumas publicações que se esforçam para se propor como um ponto de referência não apenas para os operários italianos, mas para todos os trabalhadores, tanto que incentivam os leitores a enviar seus escritos para a redação, em qualquer idioma, desde que, é claro, não contradigam a linha do jornal (*La Giustizia*, São Paulo, 25 mar. 1893). Como prova dessa abertura, há quem chegue ao ponto de publicar artigos de destacados militantes anarquistas brasileiros, como Benjamin Mota e outros nomes de destaque no mundo libertário brasileiro e de outras nacionalidades (Il nostro Giornale, *La Nuova Gente*, São Paulo, 1 nov. 1903).

Mas as queixas contra o fracasso da colônia em coibir o comportamento oposto ao defendido pela propaganda libertária atingem seu ponto mais alto quando o patriotismo e o nacionalismo são borrifados liberalmente durante os eventos de guerra envolvendo a Itália. Em tais circunstâncias, ataca-se a "propagação do veneno nacionalista," (Agli anarchici, *Guerra Sociale*, São Paulo, 11 set. 1915). A exacerbação desses valores se torna insuportável quando eles são assumidos por aqueles que, no passado, agitaram "a bandeira vermelho-escarlate" e disseram que estavam trabalhando para o bem comum, mas que, "ao primeiro toque de trombeta, mudaram de cor e se tornaram militaristas, tripolinistas e ultra monarquistas" (Riprendiamo il cammino, *La Propaganda Libertaria*, São Paulo, 12 jul. 1913).

De um sinal diferente, ou seja, não imediata-

mente político (mas muitas vezes as posições iniciais implicam isso), é a maioria dos jornais católicos, concentrados principalmente no Rio Grande do Sul, mas também presentes em outros lugares. Esses jornais frequentemente reclamam que, como quase um milhão de italianos residem no Brasil, os esforços dos padres para ajudá-los são insuficientes, considerando o número reduzido entre eles. Consequentemente, podem ser os periódicos desse signo que realizam um trabalho, se não de substituição, certamente de apoio, alcançando todos os imigrados. Deve-se dizer que, em muitas das folhas em questão, prevalecem, geralmente, os tons piedosos, e os temas raramente vão além do campo religioso. Às vezes, seu programa é sucintamente enunciado naquele "Instaurare omnia in Christo" que aparece como epígrafe da publicação, por exemplo, em *La Libertà* de Caxias do Sul, de 1909, e em sua continuação, *Il Colono Italiano* de Garibaldi, de 1910. No entanto, alguns periódicos de natureza religiosa não se limitam a fortalecer a fé e a catequizar os colonos, mas são movidos por ambições mais amplas: ser amigos, guias e defensores dos compatriotas nessas áreas (Ai nostri lettori, *Il Colono Italiano*, Caxias do Sul, 1 jan. 1898). Alguns jornais também são portadores dos valores da italianidade e procuram estabelecer um contato estreito entre o cristianismo e a pátria, propagar o amor à pátria, mas também nutrir afeto pelo país anfitrião, como é feito por mais de um órgão da imprensa do sul do Brasil, geralmente de orientação scalabriniana. A pátria tornou-se, no entanto, um elemento de embate entre os jornais católicos, ligado às lealdades à pátria, na época da Primeira Guerra Mundial, principalmente entre, de um lado, *Il Corriere d'Italia*, de Bento Gonçalves, publicado em 1912, e *Città di Caxias*, de Caxias do Sul, publicado em 1913, orgulhosamente a favor da Itália; de outro, *Il Trentino*, de Porto Alegre, nascido em 1915, e, sobretudo, *Il Colono Italiano*, de Garibaldi, em circulação desde 1910, ambos defensores da Áustria, à qual pertencia o Trentino, mas também *La Squilla*, um semanário de São Paulo, existente desde 1906.

A imprensa de classe se opunha veemente-

mente às publicações católicas e a seus valores, mas também a alguns jornais burgueses puramente anticlericais, incluindo uma pequena patrulha de folhas maçônicas, como o quinzenal *Il Simbolismo*, que saiu em São Paulo em 1892. Para fundamentar as teses que expõem, esses jornais recorrem até mesmo à divulgação de notícias infundadas, com o objetivo de irritar o público em relação aos padres. Logo no primeiro número, um semanário de São Paulo alertava os trabalhadores das fazendas sobre padres que percorriam os latifúndios e, com a justificativa de que estavam arrecadando fundos para a construção de um asilo gratuito para os pobres, extorquiam dinheiro aos colonos, com a aprovação dos fazendeiros (Coloni, *La Verità*, São Paulo, 28 abr. 1903).

Contrastes acentuados são registrados, logicamente, no período entre as duas Guerras Mundiais, mas com uma clara superioridade quantitativa dos jornais fascistas – quase todos os jornais de informação –, incluindo revistas econômicas, culturais e até mesmo humorísticas. É comum, no momento da apresentação ao público, enviar uma saudação devota ao Duce e, em casos de deferência mais ampla, também ao diretor dos Fasci italianos no exterior, às autoridades diplomáticas, às seções do Partido Nacional Fascista e, eventualmente, aos representantes do governo do Brasil e, por que não, também aos do estado específico em que a revista é publicada. Igualmente comuns são os elogios à nova Itália, às suas realizações, aos seus progressos, ainda mais quando os órgãos de imprensa são compilados por um assessor cultural do consulado, como no caso de Mario Alessandrini em Belo Horizonte (Presentazione, *Italia*, Belo Horizonte, 1 jun. 1936). Esses anos são marcados, em todos os jornais fiéis ao governo fascista na Itália, pelo fortalecimento da italianidade, continuamente associado à introdução, nas coletividades no exterior, da convicção de que esse valor identitário anda de mãos dadas com a magnificação do regime fascista, fazendo circular propagandisticamente a equação italianidade-fascismo e seu corolário, ou seja, que o antifascismo representa a anti-Itália

(Beneduzi, 2015; Trento, 2022b, p. 360-387), mesmo que muitas vezes as publicações alinhadas ocultem esse propósito sob a falsa suposição de que “os italianos no exterior não fazem política, fazem italianidade”, como diz, em negrito, sob o título, o semanário *Il Corriere degli Italiani*, de São Paulo, em 1931. A exaltação da italianidade acompanha o dever de defender os interesses dos imigrantes, dever que, no momento, é ainda mais sagrado devido à “vontade férrea do Homem que dirige os destinos da Itália” (Mussolini) e que se interessa pelo destino de cada cidadão que cruzou as fronteiras, ao contrário do que acontecia na Itália liberal (Presentazione, *La Tribuna*, Florianópolis, 1 fev. 1932).

Quanto aos jornais adversários, eles são poucos: dezesseis em todo o período, mas quase sempre de curta ou brevíssima duração (às vezes sai apenas um número), todos reclamando da letargia e do unanimismo induzido na comunidade imigrada (Trento, 2017). O primeiro e mais importante órgão do antifascismo italiano no Brasil (mas seria melhor dizer “em São Paulo”, já que, com algumas exceções, publicações com essa ideologia não aparecem em nenhum outro lugar) é *La Difesa*. Criada como quinzenal em 1923, promovida depois a semanal e, em seguida, a bissemanal, voltou a ser publicada semanalmente, mas com uma breve pausa de três meses como diário (entre o final de dezembro de 1931 e março de 1932), mergulhando na irregularidade das edições até 1934, ano em que fechou as portas (Trento, 2018). Em sua apresentação, o grupo editor se detém sobre a natureza do fascismo, sobre quem são seus apoiadores, incluindo a Igreja, que sempre foi inimiga da Itália, lembrando que o movimento de Mussolini busca “reunir todas as forças da reação, do absolutismo, das trevas” e tende a valorizar a própria ação e a de seus companheiros, que impedem que a doutrina dominante em sua pátria contamine a comunidade residente no Brasil (*A mo' di programma*, *La Difesa*, São Paulo, 7 abr. 1923).

O único outro jornal com algum peso no antifascismo é o quinzenário *Il Risorgimento*, que, nascido em São Paulo em 1928, durará apenas

até o ano seguinte. Em seu programa, especifica ser um periódico italo-brasileiro, voltado não apenas para as mentes e os corações dos compatriotas, mas também para os dos brasileiros e de todos os homens de qualquer nacionalidade que sintam em seu íntimo o amor pela liberdade e pela justiça. O título não é casual: foi escolhido para induzir o público a pensar nos antifascistas como os continuadores do *Risorgimento*, o longo processo de independência e unificação da Itália do século XIX, e portanto como os combatentes pela renascença da Itália. O periódico faz de tudo para esconder as rivalidades que dilaceravam o movimento, afirmando ter decidido sair, apesar da presença do *La Difesa*, apenas pela necessidade de dividir as tarefas e recorrer a meios diferentes na realização de uma ação única (Editoriale, *Il Risorgimento*, São Paulo, 1 jan. 1928). Na realidade, a união entre as várias almas já havia desaparecido há muito tempo e os contrastes políticos entre os dois representantes mais importantes do antifascismo italiano no Brasil, Francesco Frola e Antonio Piccarolo – que foram os diretores dos dois jornais mencionados pelo menos até o final da década de 1920 –, já haviam resultado (e continuariam a resultar) em repetidas imprecações que degeneravam em injúrias e insultos pessoais (Trento, 2017). A partir de meados da década de 1930, a imprensa e o próprio movimento antifascista desaparecem, em correspondência com a explosão de entusiasmo que se registra na colônia em relação ao regime de Roma após a conquista da Etiópia. O último jornal a aparecer – do qual provavelmente saiu apenas um número – foi o mensal anarquista *Guerra Sociale*, de 1935, cujo rigor sintático deixa muito a desejar, com uma contínua mistura de termos italianos e brasileiros democraticamente misturados.

No segundo pós-guerra, a imprensa sofreu parcialmente o mesmo destino de outras formas de vida coletiva, que foi de enorme declínio (ou de desaparecimento total, no caso das escolas), embora a colônia ainda fosse numerosa, somando 250.000 pessoas em 1950. Esse declínio dependia de vários fatores, o mais importante dos quais foi,

sem dúvida, representado pelas divisões de todos os tipos, pelos mal-entendidos, pelas perturbações que o conflito havia causado, pelo ressurgimento de antigas e novas oposições políticas, pelas incompreensões entre imigrantes antigos e recentes, que passavam pela diversidade de valores, mas também pela pretensão dos novos de ver garantida sua dignidade pessoal também no local de trabalho, pelos novos acentos que assumia a italianidade. O mundo jornalístico empobreceu, embora tenham ressurgido alguns jornais – mas seu número pode ser contado nos dedos de uma mão – que circulavam nos anos anteriores à guerra, entre os quais se destacava o *Fanfulla*. A esses jornais, juntaram-se outros 25 periódicos novos, principalmente de São Paulo, alguns dos quais praticamente sem circulação e, outros, obrigados, como de costume, a se contentar com uma duração curta ou muito curta.

Nessa escassez, vários títulos têm vínculos com embaixadas ou consulados, com institutos italianos de cultura, com o *Patronato degli emigranti* (Patronato dos Emigrantes), com as Câmaras Italianas de Comércio ou de caráter cultural. Pelo menos um semanário é de natureza esportiva e surgiu aproveitando a ocasião da Copa do Mundo de futebol disputada no Brasil em 1950. No programa apresentado na primeira edição, ele se contenta em convidar os compatriotas a acompanhar os jogos nas arquibancadas ou através das colunas do periódico, pronto para dar notícias semanais sobre o evento, mas também para sair todos os dias após os jogos da Itália (Gli amici lettori, *Universal Sport*, São Paulo, 20 jun. 1950). Menos ligada ao lazer e retomando temas já surgidos nas décadas anteriores, a revista mensal *Arcobaleno* surgiu para promover e fortalecer a fraternidade entre italianos e brasileiros e cimentar os laços entre os dois países; não por acaso, é bilingue (Ai lettori, *Arcobaleno* São Paulo, 1 maio 1953), de forma parecida com a breve experiência do jornal mensal paulistano *Il Ponte*, de 1956. Ainda presente, como é de se esperar, é a vontade de valorizar ao máximo o trabalho do imigrante italiano no Brasil, seja ele humilde ou qualificado, sem fazer discriminações

com base em classes sociais, crenças religiosas, ideias políticas, paixões partidárias ou servilismos (Il nostro programma, *Mondo Italiano*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1955).

Parece totalmente lógico que nos programas do pós-guerra imediato devesse figurar a condição em que os italianos foram confinados após o rompimento das relações diplomáticas e a subsequente declaração de guerra, e o primeiro jornal a fazê-lo, com tons de benevolência e gratidão, foi o veterano *Fanfulla*, que voltou a ser publicado em 1947, sempre como jornal diário. O editorial da primeira edição enfoca a "fatalidade" que impôs ao Brasil se aliar contra a Itália, mas que essa rivalidade nunca se transformou em inimizade e, naquela fase muito difícil vivida pelos compatriotas "entre o povo de uma nação 'inimiga', em guerra declarada e travada contra nós, vimos quanta compaixão e indulgência nossos irmãos tiveram por nós": haviam circunscrito a um âmbito de mera formalidade "sua impossível qualidade de 'inimigos'". Agora, com a paz, embora nunca citando o fascismo, exceto por uma rápida menção a erros que nunca mais devem ser repetidos, os italianos podem exigir de serem aceitos não como hóspedes, mas como filhos adotivos, tendo, ao mesmo tempo, que cumprir seu dever: "A tarefa do jornal será exatamente indicar esse caminho" (Intendimenti, *Fanfulla*, São Paulo, 5 maio 1947). Entre 1947 e 1965, o jornal paulista (forçado a fechar por dificuldades financeiras na última data, mas retomando no ano seguinte como semanário) não reviverá os fastos do passado e não mais brilhará por sua competência jornalística, completude e vastidão de informação, bem como pela variedade de temas tratados, contentando-se com uma abordagem insípida e anódina, mas mantendo-se, como havia feito após a ascensão de Mussolini ao poder, sempre e de qualquer forma governamental.

No pós-guerra, contudo, sobreviveram as rivalidades entre publicações fascistas e antifascistas, rivalidades perceptíveis desde os editoriais iniciais. Primeiro jornal a surgir, *A Voz da Itália* pertence à segunda tendência, é publicado em São Paulo em outubro de 1946, é editado, nas

primeiras 14 edições, em português e depois continua em italiano, dirigido (embora não nominalmente) por um dos principais nomes dessa orientação política. No programa com o qual o periódico se apresenta aos leitores, lamenta-se que, apesar do silêncio observado por muitos jornais, na península se desenrolou a epopeia da luta *partigiana*, a famosa resistência da guerrilha antifascista e antinazista dos anos de 1943 a 1945, demonstrando a capacidade e a vontade dos italianos de decidir seu próprio destino e defender a liberdade. A revista quinzenal se propõe a divulgar ao público os sinais de recuperação econômica e moral que se registram naquele momento na península, contribuindo assim para instilar na comunidade a confiança na renascença da Itália democrática. "Depois das tristíssimas experiências do passado, a democracia deve ser defendida com a mais firme intransigência" (Apresentação, *A Voz da Itália*, São Paulo, 26 out. 1946). Os números subsequentes seguem todos essa linha, e o segundo já traz um editorial de Luigi Einaudi, que mais tarde se tornaria presidente da recém-formada República nascida da Resistência, e uma saudação de Randolfo Pacciardi, destacada figura antifascista de passagem pelo Brasil, na qual afirma que os italianos no exterior não esquecem a terra onde nasceram, "sobretudo quando ela sofre, sobretudo quando, como agora, luta para se recuperar do infortúnio e se redimir, pelo sofrimento, de pecados que não são seus" (Ridiventare popolo, *A Voz da Itália*, São Paulo, 9 nov. 1946).

Além de *Diario Latino*, primeiro exemplo de imprensa da direita italiana que não se conforma com a volta da democracia, o mais importante periódico neofascista do Brasil, o *Tribuna Italiana*, nasce em São Paulo em 1948 por obra de Piero Pedrazza, um jornalista fascista que fugiu no Brasil. Para este semanário, que será publicado até 1985, a derrota sofrida pela Itália – especifica seu programa – se deve essencialmente à traição de alguns generais e à inconsciência de alguns políticos – fascistas, é claro, já que não havia outros, na época, que pudessem falar e agir – que, "para derrubar o regime, apunhalaram a pátria

enquanto ela estava envolvida em um duelo sem precedentes com as maiores potências militares do mundo". Prevê-se um bom sucesso da revista que começa a ser publicada nesse dia, com base na inegável penetração do fascismo no seio da comunidade peninsular nos anos entre as duas guerras: "Conhecemos muito bem os italianos no Brasil para duvidar de seu consentimento ao programa da *Tribuna Italiana*: na enorme maioria, eles têm o mesmo pensamento que nós, a mesma fé que nós" (Ci presentiamo, *Tribuna Italiana*, São Paulo, 6 mar. 1948). O passar dos anos não dissuadirá os nostálgicos da ditadura passada, que estarão até dispostos a desempoeirar o antigo mito da latinidade. Assim, a derrota de Mussolini implica a negação de "todo um passado de civilização e [colocal] barbaramente, no lugar desses conceitos sagrados de bem e de saber, a delinquência política internacional". Tudo isso é feito em difamação da grande civilização de Roma, que uma revista mensal quer reviver, convocando todos os povos latinos e exaltando seus valores (Nell'imminenza di avvenimenti decisivi, noi latini dobbiamo sentire il dovere di batterci per il ripristino della giustizia e della pace tra le genti, *Era Latina*, São Paulo, 1 jan. 1950).

Essas referências ao bem-estar ostentado pela Itália durante o fascismo, às suas supostas realizações, ao seu progresso econômico, científico, saneador, produtivo e militar, nunca são acompanhadas, nessa imprensa neofascista, nem mesmo por um mínimo de críticas, sem falar no silêncio ensurdecido sobre as barbaridades cometidas na conquista da Etiópia, sobre os tribunais especiais, sobre as leis raciais, sobre as agressões, sobre as violências, sobre os assassinatos a sangue frio, sobre a aliança com Hitler (Trento, 2005b, p. 103-118).

Referências

BAILY, Samuel L. The Role of Two Newspapers in the Assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893-1913. *International Migration Review*, Staten Island, v. XII, n. 3, p. 321-340, 1978.

BELLI, Natale. *Giornalismo italiano in Brasile*. São Paulo: [s. n.], 1923.

BENEDUZI, Luis Fernando. Staffetta Riograndense: fascismo e italianidade na Serra Gaúcha. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania (org.). *Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: EdUCS, 2015. p. 288-311.

BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BIONDI, Luigi. La Battaglia: o jornal, o grupo e as redes étnicas anarquistas (1904-1913). In: BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane Ângela; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2022. p. 205-247.

BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica italiana in Brasile, 1904-1915*. Tesi (Laurea in Storia Contemporanea) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", Roma, 1995.

FELICI, Isabelle. La stampa anarchica in lingua italiana a San Paolo (1890-1920). In: DESCHAMPS, Bénédicte; SERGI, Pantaleone (org.). *Voci d'Italia fuori d'Italia: giornalismo e stampa dell'emigrazione*. Cosenza: Pellegrini, 2021. p. 359-378.

FELICI, Isabelle. Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil, 1890-1920. Tese (Doutorado UFR d'Italien et de Roumain) – Université de La Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1994.

TOLEDO, Edilene. *La Scure – Giornale di Lotta* (São Paulo, 1910): Imprensa, imigração e circulação de ideias na construção de um sindicalismo transnacional. In: BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane Ângela; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2022. p. 181-204.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

TRENTO, Angelo. "Wherever We Work, That Land Is Our": The Italian Anarchist Press and Working-Class Solidarity. In: GABACCIA, Donna; OTTANELLI, Fraser M. (org.). *Italian Workers of the World: Labor Immigration and the Formation of Multiethnic States*. Urbana: University of Illinois Press, 2001. p. 21-40.

TRENTO, Angelo. «Dovunque è un italiano, là è il tricolore»: la penetrazione del fascismo tra gli immigrati italiani in Brasile. In: SCARZANELLA, Eugenia (org.). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005a. p. 21-91.

TRENTO, Angelo. A imprensa antifascista no Brasil, 1922-1936. In: LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Copetti, 2017. p. 362-396.

TRENTO, Angelo. As redações na trincheira: a imprensa italiana no Brasil na Primeira Guerra Mundial. In: BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane Ângela; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2022a. p. 137-180.

TRENTO, Angelo. Carta canta: il giornalismo italiano in Brasile, 1854-1975. In: DESCHAMPS, Bénédicte; SERGI, Pantaleone (a cura di). *Voci d'Italia fuori dall'Italia: giornalismo e stampa dell'emigrazione*. Cosenza: Pellegriani, 2021.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2022b.

TRENTO, Angelo. Dois séculos de jornalismo italiano no Brasil. *Estudos de Emigração*, Roma, v. XLVI, n. 175, p. 568-590, 2009.

TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX e XX*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

TRENTO, Angelo. La Nascita del Fanfulla: un foglio democratico al servizio della giustizia (1893-1895). *Novos Cadernos*, São Paulo, n. 2, p. 7-48, 1988.

TRENTO, Angelo. La prensa antifascista italiana en Brasil: el periodico *La Difesa*, 1923-1934. In: GARCIA GALINDO, Juan Antonio; LÓPEZ ROMERO, Laura (org.). *Los medios de lengua extranjera: diversidad cultural e integración*. Granada: Comares, 2018. p. 169-182.

TRENTO, Angelo. La stampa italiana in Brasile, 1946-1960. *Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana*, Viterbo, v. I, n. 1, p. 103-118, 2005b.

VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus. Uma identidade para os imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.

Elenco dos jornais citados no texto

A Voz da Itália, São Paulo, 1946

Araldo italiano, Belo Horizonte, 1923

Arcobaleno, São Paulo, 1953

Avanti!, São Paulo, 1900

Bollettino Mensile del Centro Industriale e Commerciale Italiano dello Stato di S. Paolo, São Paulo, 1893

Città di Caxias, Caxias do Sul, 1913

Diario Latino, São Paulo, 1946

Era Latina, São Paulo, 1950

Fanfulla, São Paulo, 1893

Fanfulla, São Paulo, 1947

Germinal, São Paulo, 1904

Gli Italiani al Brasile, São Paulo, 1886

Gli Schiavi Bianchi, São Paulo, 1892

Guerra Sociale, São Paulo 1915

Guerra Sociale, São Paulo, 1935

I Due Vessilli, Cachoeira do Itapemirim, 1926

Il 20 Settembre, Ribeirão Preto, 1890

Il Bersagliere, Rio de Janeiro, 1891

Il Circolista, Rio de Janeiro, 1897

Il Colono Italiano al Brasile, São Paulo, 1902

Il Colono Italiano, Caxias do Sul, 1910

Il Colono Italiano, Garibaldi, 1910

Il Colono Italiano, São Paulo, 1902

Il Colono, Urussanga, 1904

Il Corriere d'Italia, Bento Gonçalves, 1912

Il Corriere degli Italiani, São Paulo, 1931

Il Corriere Illustrato, São Paulo, 1908

Il Falegname, São Paulo, 1905

Il Giornale dell'Agricoltore, Caxias do Sul, 1934

Il Martello, Belo Horizonte, 1902

Il Meridionale, São Paulo, 1908

Il Messaggero, São Paulo, 1891

Il Messaggiere Italiano, São Carlos do Pinhal, 1897

Il Moscone, São Paulo, 1925

Il Ponte, São Paulo, 1956

Il Risorgimento, São Paulo, 1928

Il Risveglio, São Paulo, 1898

Il Romanziere, São Paulo, 1904

Il Simbolismo, São Paulo, 1892

Il Trentino, Porto Alegre, 1915

Italia, Belo Horizonte, 1936

L'Agricoltura Paulista, São Paulo, 1913

L'Alpino, Florianópolis, 1902

L'Amico del Lavoratore, São Paulo, 1902

L'Asino, São Paulo, 1901

L'Avvenire, São Paulo, 1891

L'Azione Anarchica, São Paulo, 1905

L'Eco del Pará, Belém, 1898

L'Eco del Popolo, Belo Horizonte, 1905

L'Eco, São Paulo, 1908

L'Immigrato, São Paulo, 1886

L'Immigrato, Vitória, 1895

L'Imparziale, Rio de Janeiro, 1882

L'Indipendente, Rio de Janeiro, 1890

L'Iride Italiana, Rio de Janeiro, 1854

L'Italia, Rio de Janeiro, 1885
L'Italia, Rio de Janeiro, 1892
L'Italia, São Carlos do Pinhal, 1891
L'Operaio Italiano, Rio de Janeiro, 1897
L'Operaio, São Paulo, 1896
L'Unione, Campinas, 1894
L'Unione, São Paulo, 1935
La Battaglia, São Paulo, 1904
La Colonia Italiana, Taubaté, 1892
La Difesa, São Paulo, 1923
La Gazzetta degli Italiani del Brasile, Rio de Janeiro, 1875
La Giustizia, São Paulo, 1903
La Libertà, Caxias do Sul, 1909
La Libertà, Rio Claro, 1891
La Nuova Gente, São Paulo, 1903
La Nuova Urussanga, Urussanga, 1917
La Patria Italo-Brasileira, Pelotas, 1912
La Patria, Urussanga, 1901
La Propaganda Libertaria, São Paulo, 1913
La Rinascenza Latina, Rio de Janeiro, 1913
La Rivolta, São Paulo, 1903
La Scure, São Paulo, 1910
La Squilla, São Paulo, 1906
La Tribuna, Florianópolis, 1932
La Verità, São Carlos do Pinhal, 1891
La Verità, São Paulo, 1903
Mondo Italiano, Rio de Janeiro, 1955
Monsignor Perrelli, São Paulo, 1908
O Caxiense, Caxias do Sul, 1897
Pluralia, Niterói, 1933
Rivista Italia-Brasile, Rio de Janeiro, 1919
Staffetta Riograndense, Garibaldi, 1917
Stella d'Italia, Porto Alegre, 1902
Tribuna Italiana, São Paulo, 1948
Universal Sport, São Paulo, 1950
XX Settembre, São Paulo, 1898

Angelo Trento

Professor aposentado de História da América Latina da Università degli Studi di Napoli L'Orientale, é conhecido historiador da imigração italiana, tendo realizado um inventário pioneiro da imprensa nesse idioma publicada no Brasil. É autor de inúmeras obras sobre o tema, entre as quais destacam-se *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil* (São Paulo: Nobel, 1989), *Os italianos no Brasil/Gli italiani in Brasile* (São Paulo: Prêmio, 2000) e *Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX e XX* (São Carlos: EdUFSCar, 2013).

Endereço para correspondência

ANGELO TRENTO

angelo.trento84mail.com

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.